

# O "PROTAGONISMO" NA CONSTRUÇÃO DA UNIVERSIDADE NA REGIÃO DE CAMPINAS, SÃO PAULO, BRASIL, 1942-1968

SÍLVIO SÁNCHEZ GAMBOA  
Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP

## Introdução

Neste encontro dedicado a história do professor apresentamos alguns resultados de pesquisas sobre a história das universidades na região de Campinas Estado de São Paulo, Brasil, destacando o "protagonismo" de um dos seus fundadores. As primeiras universidades criadas na região, uma particular a Católica de Campinas PUCCAMP (1942) e outra pública Estadual de Campinas — UNICAMP (1966) contaram com o "protagonismo" de seus fundadores Mons. Salim e o médico Zeferino Vaz respectivamente. O perfil das duas universidades, na sua fase inicial levaram a marca de seus fundadores. Os dois permaneceram vários anos na direção da universidade, Salim desde 1942 até a sua morte em 1968 (26 anos) e Zeferino Vaz de 1966 até 1978 (12 anos). Nas pesquisas realizadas, Zeferino Vaz já foi objeto de uma dissertação de mestrado (Meneghel, 1994). O "protoganismo" de Mons. Salim foi estudado numa pesquisa de história institucional sobre a PUCCAMP (Gamboa e Nunes, 1996). Os dois fundadores mantiveram encontros permanentes entre 1966-1968. Como resultado dos encontros registram-se alguns pactos entre os dois reitores como os relativos à não duplicação de faculdades na região. Razão pela qual a UNICAMP, por exemplo não criou faculdades de Psicologia, Jornalismo, Serviço Social, Arquitetura e Direito e a PUCCAMP não criou faculdades de Física, Química, algumas Engenharias e Medicina (esta foi criada depois da morte de Mons. Salim e ter se quebrado o pacto dos fundadores). De igual maneira, parece terem pactuado a ênfase nas ciências sociais e a dedicação ao ensino e à profissionalização da PUCCAMP e a ênfase nas ciências tecnológicas e a dedicação à pesquisa da UNICAMP. Os dois

também foram protagonistas na conjuntura da reforma educativa, Mons. Salim sofreu o impacto da reforma Universitária imposta pelo regime militar e a sua instituição é infiltrada por "elementos comunistas" e pressionada por agentes militares, enquanto Zeferino Vaz foi um dos defensores, como homem de confiança dos militares, como interventor na Universidade de Brasília e como fundador de uma universidade modelo (Unicamp) sem "comunistas" e sem intervenção militar <sup>1</sup>.

Apesar da importância de um estudo comparado entre as duas personalidades e da possibilidade de relacionar suas formas de administrar e de conceber a missão da universidade com o perfil da primeira fase da história do ensino superior na região, no limite desta comunicação, somente analisaremos o "protagonismo" do primeiro reitor da PUCCAMP. Fica para outras oportunidades uma análise comparada da história das duas primeiras universidades da região de Campinas e de seus fundadores <sup>2</sup>.

Para elaborar a análise proposta, organizamos este texto em três partes, em primeiro lugar apresentaremos algumas considerações sobre as questões metodológicas que nortearam o estudo, num segundo momento, informações sobre os contextos, num terceiro momento descrevemos, em forma sucinta, o cenário e finalmente, o protagonista <sup>3</sup>.

### 1. Questões de objeto e de método.

Os estudos históricos permitem compreender os processos evolutivos da sociedade e das suas instituições, possibilitando investigações de fatos e processos de dimensões políticas, culturais e econômicas que ampliam as articulações e caracterizam sua especificidade e sua identidade. Nesse sentido, a historiografia educativa que pretende investigar as instituições educacionais e seus protagonistas, tais como os professores, alunos, etc., como objeto de suas pesquisas, sendo relativamente nova na tradição recente da pesquisa educacional e histórica brasileira, também busca contribuir com a compreensão da escola, e em nosso caso específico da universidade. Existem numerosos estudos sobre a temática específica da universidade, uma razoável literatura disponível sobre suas condições sociais, econômicas e culturais, suas origens e desdobramentos como instituição nacional, entretanto, existem poucos estudos sobre as universidades específicas, seus processos e eventuais impactos regionais e sobre seus protagonistas.

Esses novos estudos específicos sobre as instituições educativas e sobre seus protagonistas defronta-se com alguns paradoxos, dentre eles, o da relação do particular com o universal. Por tal razão, consideramos importante recuperar as histórias particulares de cada instituição e de seus protagonistas, superando os modelos generalistas que têm pautado os estudos da universidade brasileira. Entretanto, a ênfase nas especificidades e particularidades pode levar a

secundarizar os contextos amplos nos quais se inserem as instituições e os atores. Assim, um estudo particularizado sobre os professores, sobre um protagonista, ou sobre uma instituição em particular procurará entrar nas especificidades internas, sem perder de vista os vínculos e as relações com as complexas conjunturas regionais e nacionais nas quais os indivíduos e as instituições atuam e se desenvolvem. Na tentativa de diminuir os riscos desses paradoxos, optamos por recuperar os elementos contextuais da atuação do professor protagonista situando-o dentro do desenvolvimento da instituição, determinada, por sua vez, pela evolução das políticas do ensino superior no Brasil, do desenvolvimento econômico da região de Campinas e pautada pelas diretrizes da Igreja Católica sobre o ensino superior pela pretendida missão redentora e pelas táticas pastorais da mesma.

Outro paradoxo refere-se à representação contida nos documentos e nas falas dos entrevistados, tanto aquelas presentes nas versões oficiais dos documentos regimentais como nas diversas e, por vezes, contraditórias interpretações dadas pelos agentes vivos nos relatos, de modo a revelar múltiplos sentidos sobre a realidade apreendida. Podemos preliminarmente concluir que todas as versões buscam delimitar e demarcar posições e maneiras de detectar práticas institucionais e formas do exercício do poder.

Os discursos não são neutros, as percepções do social "embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam" (Chartier, 1988: 17). A aceitação desse jogo de interesses constitui-se numa das características deste estudo. Entretanto, a busca do consenso ou do sentido dominante nas versões divergentes exige, igualmente, uma interpretação do pesquisador que analisa essa polissemia, procurando os consensos mais consolidados. Esse tratamento nos confronta permanentemente com o tenso dualismo da subjetividade das percepções dos atores e dos narradores, inclusive do próprio pesquisador, e a pretensa objetividade dos fatos reais e a suposta autonomia das estruturas institucionais e da personalidade dos sujeitos atores. Uma forma de superação desse paradoxo consistiu na articulação das diferentes representações dentro do eixo próprio da construção social do discurso, relacionando-o permanentemente com os contextos da produção dessas interpretações.

Outro paradoxo encontrado refere-se à dupla dimensão que oferecem as fontes quando entendidas como discursos. São referidas a um objeto, mas também dirigidas a um interlocutor. Os conteúdos das diversas fontes tais como atas e boletins universitários, depoimentos e notícias de jornal assim como outros dados e informações oferecidos por outras pesquisas sobre a universidade foram tomados como discursos e a sua análise pautou-se por critérios próprios para esse tipo de abordagem. Os diversos discursos podem ser tomados como documentos ou depoimentos cujo sentido fundamental consistiria em fornecer uma informação ou apresentar um registro de fatos, conjunturas e processos, cuja

precípua relação seria apenas referentes ao objeto ou ao assunto registrado. Entretanto, esses registros não se esgotam em si mesmos, pois são direcionados para um outro interlocutor a quem deve chegar a mensagem ou a informação. Joga-se aqui com uma circularidade e com um movimento do próprio discurso, que não se esgota na sua relação com o referente, nem todavia exaure-se na simples interlocução imediata com o outro, o que redundaria num diletantismo tautológico e ressonante de si mesmo. Na medida em que se apresenta para terceiros interlocutores, permite tecer novos discursos, dando eficácia e continuidade ao seu movimento. Nesse sentido, tanto nos materiais escritos como nas reconstruções orais, buscamos não somente informações, mas primordialmente captar os efeitos de sentido entre interlocutores, elaborados dentro da dinâmica social da construção do discurso, das situações do contexto e das condições da produção do sentido na seqüência verbal resgatada.

Como exemplo dessas seqüências verbais, aparecem as caracterizações e adjetivações de alguns acontecimentos, personagens ou fases do desenvolvimento da instituição. Em depoimentos, registros, notícias sobre o período compreendido entre 1942-1968, o mesmo vem sendo definido como "paternalista", mesmo pelas verbalizações de quem julga essa etapa como uma fase altamente positiva na consolidação da instituição, numa clara apologia ao período como benéfico à formação de uma comunidade integrada em torno de um pai que favorecia o convívio de alunos e professores nos moldes da filosofia católica.

O dito e o escrito foram entendidos não apenas como o resultado da intenção de um sujeito de informar um outro, mas como a relação de sentido estabelecida por eles, num determinado contexto social e histórico. Os textos foram tratados não apenas como discursos que ilustram uma determinada situação, mas levou-se em consideração primordialmente a "historicidade inscrita neles" (Orlandi, 1987: 12). Isto é, foram entendidos como "monumentos" e não apenas como documentos, pois expressam além do conteúdo informativo, as condições da sua produção ou contextos da sua elaboração, dentro dos quais adquiriram sentido próprio.

Outro peculiar paradoxo refere-se à necessidade de equacionar a análise de conjuntura, no caso do período da fundação (1942-1968) em que o protagonista atua, e a história de "tempo longo" da instituição, considerando suas fases posteriores, enfocando os conflitos e dinâmicas recorrentes de "ações e reações" que marcam seus desdobramentos posteriores, até o momento presente. Tornou-se necessário recuperar informações, por exemplo, sobre os outros períodos do desenvolvimento da instituição. Esses períodos foram organizados em função de mudanças na gestão da universidade, na maioria das vezes, precedidas por momentos de crises e conflitos. Além do primeiro período denominado de fundação, temos os períodos da Reforma Universitária e expansão quantitativa (1968-1981), do Projeto Pedagógico (1982-1996) e da Intervenção Católica e Nova Lei de Diretrizes e Bases (1996). Na perspectiva crítica da historicidade da

instituição, identificamos movimentos que se constroem como uma reação a situações internas e/ou externas que entravam seu desenvolvimento. Para tanto, a ampliação contável de registros ou de fontes não é suficiente, uma vez que um amontoado de fatos não tem sentido em si mesmo. Daí porque o paradoxo "tempo curto, conjuntural" e "tempo longo evolutivo" não se supera mecânica e quantitativamente, apenas ampliando fontes e registros. Os registros e as informações precisam ser selecionados e interpretados no quadro maior de uma teoria do desenvolvimento social e à luz dos contextos imediatos (no nível do empírico e do teórico). No caso específico da história de um protagonista, a interpretação também exige a recuperação de contextos mais amplos, relacionados com a dinâmica da instituição em que atua e desta no contexto das universidades brasileiras e das políticas sociais e educacionais, como foi apontado anteriormente.

Acrescenta-se, portanto, ao rigor documental e às exigências próprias da racionalidade do discurso a dimensão interpretativo-ideológica dos motivos e pretextos do agente produtor dos conhecimentos históricos. Em nosso estudo, a seleção das fontes, a leitura e análise do material coletado pautou-se pela busca dos eventos mais significativos sobre o papel do protagonista no desenvolvimento da instituição, contidos nos registros e nos depoimentos, visando identificar um movimento de ações e reações que constituem fases da trajetória da instituição. As mudanças e decisões mais definitivas e as novas orientações surgidas em cada fase foram construídas pela necessidade acumulada de reagir a situações ou condições que entravam o desenvolvimento da instituição na complexa direção da superação das suas contradições.

## 2. Contextos

A compreensão de um protagonista torna-se possível quando recuperamos um horizonte interpretativo delimitado nos marcos da instituição em que atua e desta no contexto da sociedade onde se localiza.

2.1. Se começamos pela recuperação dos contextos mais amplos, esta poderá começar pelas relações da universidade com sociedade brasileira que surgem atreladas a um modelo profissionalizante, que prioriza a transmissão de conhecimentos.

"Independente de sua estrutura organizacional, a Universidade, antes de mais nada, é parte e fruto de um modelo político-cultural. Condição pelo contexto no qual está inserida, seus objetivos estão necessariamente relacionados com os objetivos da sociedade. Apresenta-se sempre como instrumento do sistema global e das diferentes forças que nele atuam." (Fávero, 1977, p.11).

Analisando alguns registros sobre o surgimento das funções sociais da universidade, perceberemos a imbricada dependência entre universidade e

demanda social. Entretanto, a demanda social como as funções que a universidade deverá assumir para atender essa demanda, dependem da leitura y compreensão dos sujeitos que decidem sobre as ações que viram acontecimento e registro histórico ou objeto da memória acumulada.

O desenvolvimento da PUCCAMP desde sua criação foi atrelada aos projetos econômicos, sociais e culturais da região de Campinas que desde suas origens em meados do Século XVIII foi identificada como um importante entreposto rústico de abastecimento (pousada de tropeiros) na direção dos Estados atuais de Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso e ainda hoje importante centro de dispersão de caminhos, verdadeiro centro de comunicações, centralizando a produção agrícola (café e cana de açúcar) e o transporte da região.

Entre 1930 e 1956, iniciou-se no País o período de "substituição de importações" ou de "industrialização restringida", tornando favorável a expansão industrial. A estrutura viária e a acumulação de capital, deixadas pelo empreendimento cafeeiro, propiciaram a instalação de várias indústrias em Campinas e região. O crescimento industrial veio acompanhado de um processo de urbanização que determinou a passagem para uma sociedade primordialmente urbano-industrial. Além do crescimento imobiliário, aumentou o número de investimentos no município e grandes empresas como a Rhodia e a General Electric <sup>4</sup>. A expansão industrial apresentada entre 1930 e 1955 configurou Campinas como importante centro regional.

A indústria de Campinas, entre 1960 e 1980, mostrou um crescimento no setor de produtos alimentares, vestuário e têxtil; e fabricação de bens intermediários. O desenvolvimento da região, graças à proximidade de São Paulo, atraiu grandes empresas, gerando um forte processo de "interiorização da indústria" e transformando a região no terceiro parque industrial do País, atrás apenas de região metropolitana de São Paulo e do estado de Rio de Janeiro. Nos anos 70, a "interiorização da indústria", a modernização e a expansão da Agricultura, somadas ao dinamismo econômico local, gerou um processo de desenvolvimento urbano que levou à metropolização da cidade.

O desenvolvimento do setor educativo, embora não tenha acompanhado o desenvolvimento econômico da cidade e o crescimento da população, especialmente na demanda de escola pública, expressou o surgimento de instituições que tentaram responder às exigências do desenvolvimento regional. O desenvolvimento populacional, o fluxo migratório e a ampliação na área de serviços tornou imprescindível a criação de novas escolas e pressionou para que se instalassem Escolas Superiores capazes de atender a demanda pela profissionalização (que até o momento, vinha sendo atendida na capital do Estado, particularmente na USP, criada em 1934 e na PUC-SP, em 1940).

A Igreja Católica, que já fora elemento "civilizatório", nos períodos de vigência do pacto colonial e imperial, bem como na emergente República, sendo responsável por uma rede de escolas primárias e assistenciais, ainda hoje

significativas no campo da oferta educacional, tornou-se a pioneira também no âmbito do Ensino Superior, ao implantar a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (junho de 1941) e a Faculdade de Ciências Econômicas (dezembro de 1941), que formaram o embrião institucional do que seria a PUCCAMP, primeiramente denominada Faculdades Católicas Campineiras. Em junho de 1955 instituiu-se a Universidade Católica de Campinas que, em 1972, recebeu o título de Pontifícia, por decreto honorífico do Papa Paulo VI.

Não é demais afirmar que a PUCCAMP exerceu o monopólio da oferta de vagas no Ensino Superior na região até a implantação e consolidação da UNICAMP, iniciada em 1967.

O crescimento populacional induziu e estimulou o desenvolvimento hospitalar e educacional, merecendo destaque as atividades de pesquisa científica ampliadas durante as duas últimas décadas (Instituto Agrônomo de Campinas, PUCCAMP, Centro Tecnológico de Informática, Centro de Pesquisa da Telebrás, Codetec, etc.) e no Ensino Superior, as universidades que atendiam no final da década de 80, aproximadamente 30.000 alunos de graduação e pós-graduação e, a meados da década de 90, mais 40.000 alunos, dentre eles 10.000 de pós-graduação (mestrado e doutorado). Assim, com recortes diversos e clientela aos poucos em processo de diferenciação, as universidades PUCCAMP e UNICAMP vêm marcando o cenário da formação profissional e da pesquisa na região de Campinas.

2.2. Outro contexto significativo refere-se ao modelo de ensino superior brasileiro que serve de pauta para a experiência universitária na região. Durante a Primeira República (1889-1930), surgiram os primeiros estabelecimentos de ensino superior com o nome de universidade <sup>5</sup>. Com a proclamação da República, liberou-se a criação de instituições de ensino superior em diversos estados. Depois de inúmeras tentativas para sua criação, surge finalmente, a Universidade do Rio de Janeiro, em 1920 <sup>6</sup>. Com a Reforma Campos (1931), elaborou-se o Estatuto das Universidades Brasileiras, (Decreto 19.851/31), estabelecendo os padrões de organização do ensino superior em todo o país, permitindo a criação de universidades pela aglutinação de faculdades e escolas isoladas. Assim aconteceu com a criação da Universidade de São Paulo, em Janeiro de 1934 e com as faculdades católicas, as quais foram progressivamente se transformando em universidades. Nesse contexto, foi criada a PUCCAMP em 1955 aglutinando as Faculdades Católicas de Campinas, criadas em 1942.

No começo dos anos 60, a universidade brasileira discute intensamente seus compromissos com a sociedade. A PUCCAMP também vive esses agitos de maior participação, gerando sua primeira grande crise que tem como desenlace a morte de seu fundador, Mons. Salim (1968), a implantação de um período autoritário e seu posterior submetimento irrestrito a Reforma Universitária de 68, imposta pelo governo militar (Gestão do Reitor Barreto, 1968-1981), tornando-se uma "universidade do regime", na medida em que assimila as formas de controle e

utiliza mecanismos de repressão contra os alunos e professores que, de uma forma ou de outra, contestaram as políticas autoritárias e antidemocráticas praticadas pela Reitoria. A fase de democratização vivida pelo país, a partir dos anos 80, também é vivida na Universidade com a queda do modelo autoritário e com o surgimento do processo denominado "Projeto Pedagógico" (1981-1984), caracterizado pela participação democrática da comunidade universitária, justificado nas diretrizes da "teologia da Libertação" e pautado pelo "compromisso com os setores populares".

2.3. Temos, então, outro contexto o da ação da Igreja. Nas décadas de 40 e 50, é uma ação profundamente conservadora, de formação das elites para uma finalidade histórico-política de controlar, segurar e manter a estrutura de privilégios da sociedade. Isto se dá materialmente na oferta de cursos acadêmicos de formação profissional que contemplavam as expectativas de classe das camadas sociais dominantes na região, a saber; Ciências Econômicas, Direito, Serviço Social, Biblioteconomia, Pedagogia, profissões estas, voltadas para garantir a estas classes sociais o respaldo institucional do exercício do poder, fazendo que também a Igreja, de modo contraditório, divida-se na multiplicação de uma rede assistencialista: as Santas Casas, as ordens que cuidam da miséria e fazem a sua contabilidade, exigindo dos pobres a obediência e a gratidão, e dos ricos e das elites a caridade, a comiseração e o controle do poder institucional. Sua fundação enquanto universidade solidifica-se neste horizonte estratégico restauracionista, onde se pode compreender e delinear melhor as matrizes motivadoras do caráter ético-moralizador representado pela figura pioneira de seu artífice e maior dirigente, Mons. Emílio José Salim. Nos seus discursos e pregações encontraremos eco das encíclicas papais e da mais lídima doutrina da Igreja para seu tempo.

A chamada concepção Terceiro-Mundista, nascida do Pós Guerra, abala profundamente as bases das Igrejas e os segmentos católicos formais, de modo a oferecer um novo "ethos" que dará origem a outras teologias e outras configurações, como a Teologia da Libertação e os movimentos de padres e bispos na direção dos oprimidos, posição esta que aflorará nos anos 80 com uma nova interpretação da Igreja, da sua própria teologia, da sua própria eclesiologia e até da mensagem cristã como um todo.

Dizemos então que o núcleo social fundante da PUCCAMP é um núcleo de correspondência ao pensamento social católico de formação das elites dominantes, mas a ruptura dos anos 60, que começa a admitir o assistencialismo, o dirigismo ideológico da Juventude Operária Católica e da Juventude Estudantil Católica e ganha sua expressão máxima na Teologia da Libertação, faz que a própria universidade venha a se repensar como instituição.

Numa conjuntura de fechamento político (1964-1981) a PUCCAMP desenvolve um núcleo político-educacional de resistência, que abarcava naquele momento as ressonâncias da Teologia da Libertação, o discurso engajado, a opção solidária pela libertação, e, ao mesmo tempo, reconhecia as mazelas terceiro-

mundistas que até então proliferaram no cenário internacional. Esse núcleo ganha expressão política com o "Projeto Pedagógico" (1982-1996).

### 3. O cenário institucional: as crises, ações e reações

A interpretação a partir das categorias de crise, ação, reação, permite identificar quatro grandes períodos na evolução da Universidade que serve de cenário a nosso protagonista: 1) da criação (1942) à crise de 1968; 2) a Universidade no período da Reforma Universitária e da expansão quantitativa (1968-1980); 3) a crise de 1980 e o Projeto Pedagógico (1982-1996); 4) recentemente, a partir de 1996, um novo período se inaugura com a intervenção católica e as exigências da nova Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9.394 de 1996).

#### 3.1. *Da criação (1942) à crise de 1968*

A PUCCAMP começou a ser gestada em Maio de 1941 com a fundação da Sociedade Campineira de Educação e Instrução, por intermédio do Bispo Diocesano Dom Francisco de Campos Barreto, que tinha a função de administrar estabelecimentos de ensino da Diocese. Neste mesmo período, foi instalada a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, num prédio, antiga residência urbana do Barão de Itapura, tendo sido confiada sua instalação e organização ao Mons. Emílio José Salim<sup>7</sup>. Os cursos são oficialmente inaugurados no dia 5 de Junho de 1942 e são reconhecidos pelo Decreto 15.583/44. Em Junho de 1955 transformam-se as Faculdades Católicas de Campinas em Universidade Campineira, na ocasião, contando com as seguintes unidades: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; Faculdade de Ciências Econômicas; Faculdade de Biblioteconomia, Faculdade de Odontologia e Faculdade de Direito, e também, como agregadas, as Faculdades de Serviço Social e de Enfermagem<sup>8</sup>.

O período de 1960 a 64 foi marcado por um fortalecimento do movimento estudantil, em razão, particularmente da Juventude Universitária Católica (JUC), que mantinha atividades assistenciais e recreativas sem conotações políticas, mas em 1967 um manifesto reivindica maior participação dos estudantes nos órgãos colegiados, na proporção de 1/3 dos representantes e gera um processo de renovação do quadro docente, de reestruturação de alguns cursos (Ciências Sociais, Filosofia e Pedagogia). No seguinte semestre, soma-se a esses eventos a demissão de um representante do movimento estudantil. Em Maio de 1968, acadêmicos invadiram o prédio central da Universidade e tomaram posse por 3 dias, exigindo a solução ao caso do aluno e a saída do Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O Conselho Universitário acatou as modificações na regra das eleições para Diretor, concedeu licença de trabalho para o Diretor da FFCL, que depois se afastou definitivamente do cargo, e ratificou a posição do aluno.

Houve na época eleição direta para diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e de Ciências Econômicas. Entretanto, sem o conhecimento de todos os professores, o promotor da cidade e professor da Faculdade de Direito, defensor do Reitor na imprensa no caso do aluno acima citado, passou a ocupar a Vice-Reitoria. O Reitor, Mons. Emílio José Salim faleceu em 22 de junho de 1968, assumindo em seu lugar, o então Vice-reitor administrativo, Prof. Benedito José Barreto Fonseca.

### *3.2. A Universidade no período da Reforma Universitária e da expansão quantitativa (1968-1980)*

Com a morte do Reitor, o então Vice-Reitor providenciou uma bula papal, designando-o Reitor. A Reitoria solicitou militares para ocupar o prédio central a fim de manter a ordem e impedir manifestação de solidariedade dos alunos. O Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas foi demitido e o Diretório Acadêmico da mesma faculdade foi suspenso por 30 dias e, posteriormente, os professores solidários (39) com o Diretor demitido foram também demitidos. Proliferaram portarias internas de proibição de reuniões e manifestações de alunos e professores no recinto da Universidade, aplicando-se, assim, com antecedência as normas dos decretos militares sobre o controle do movimento estudantil e de professores.

No mês de Junho de 1970 aprovou-se na reunião do CONSUN um novo estatuto em que a Reforma Universitária adotada estava bastante próxima dos padrões propostos pelos acordos MEC-USAID, Relatório Atcon e GTRU (Grupo de Trabalho sobre a Reforma Universitária). Durante essa gestão, que perdurou até 1980, foram criados numerosos cursos e elevou-se o número de alunos de 2.300 em 1968 para 10.500 em 1972 e para 18.000 no final do mandato. Em 1978 houve a criação da APROPUC (Associação dos Professores da PUCCAMP) a fim de desacomodar a situação autoritária reinante. O Diretório Central dos Estudantes (DCE) teve destacada ação a partir de 1979 e a Associação de Funcionários da PUCC, fundada em 1980, também surge no contexto da resistência ao autoritarismo da Reitoria.

### *3.3. A crise de 1980 e o Projeto Pedagógico (1981-1996)*

Em Janeiro de 1980 houve denúncias feitas pelo Diário do Povo sobre a existência, no Curso de Jornalismo, de dois alunos privilegiados, sendo o próprio Reitor um deles, beneficiados por notas 10 sem fazerem provas, isentados ilegalmente de frequência às aulas e em favor dos quais se forjavam assinaturas. Somou-se a esse fato a crise financeira da Universidade e gritantes irregularidades administrativas. Apesar da "distensão política" vivida pela sociedade brasileira e da crise dos modelos autoritários e do rechaço de alunos e de professores, o reitor encaminhou um processo em que fechava uma lista sêxtupla inteiramente

identificada com a continuidade da sua gestão para mais um período de quatro anos. O presidente da Mantenedora e Grão-Chanceler da Universidade, usando de suas atribuições estatutárias, não aceitou a lista "montada", destituiu o Reitor, e, em substituição, nomeou uma Reitoria pró-tempore.

Uma vez superada a crise com a indicação de uma nova Reitoria que tomou posse no dia 30 de Agosto de 1980, consolidou-se o processo de reação contra a fase autoritária. A partir de então, iniciou-se uma nova fase denominada "Projeto Pedagógico". Em 15 de Agosto de 1981 no Conselho de Coordenação do Ensino e da Pesquisa (CONCEP) foi aprovado o documento "Diretrizes Gerais do Projeto Pedagógico" apresentado pela Vice-Reitoria Acadêmica elaborado com base em um diagnóstico acadêmico, administrativo e financeiro <sup>9</sup>. Valendo-se desse documento, as unidades acadêmicas também elaboraram seus projetos pedagógicos e reestruturaram seus cursos, atendendo, além da função do ensino, as atividades de extensão e de Pesquisa, até então esporádicas na Universidade e visando à reconstrução da identidade social da Universidade.

A segunda fase do projeto Pedagógico centralizou-se em torno da pesquisa "Caracterização do Aluno da PUCCAMP". Os resultados foram utilizados na definição dos projetos pedagógicos das unidades e na programação de seus cursos. Outro resultado significativo consistiu na implantação da carreira docente, implementada a partir do segundo semestre de 1986. Dessa forma, criam-se as condições para o desenvolvimento da pesquisa e a consolidação da Pós-Graduação e para a capacitação docente. Para apoiar as atividades de pesquisa, foi criada a Coordenadoria de Estudos e Apoio à Pesquisa (1988). Finalmente, em 1988, consegue-se meta institucional da reforma dos Estatutos e o Regimento Geral da Universidade, quando as unidades passaram a ter seus órgãos colegiados eleitos por seus pares. Assimila-se assim os ganhos de democratização conseguidos com o Projeto Pedagógico <sup>10</sup>.

Na terceira fase, que identificamos entre 1989 e 1996, o Projeto Pedagógico, a nosso entender, apresenta-se como referência distante. Enquanto em algumas unidades mitificou-se e era utilizado para justificar diversas ações muitas das vezes contraditórias, nos documentos oficiais são poucas as notícias sobre o Projeto Pedagógico. Em vez dessa referência, passou a se falar de "Projeto Institucional", sem uma maior explicitação sobre seu sentido.

Considerando-se essas constatações, levantam-se hipóteses em relação a sua historicidade. O período denominado "Projeto Pedagógico", que passou a representar uma fase de identidade da universidade num período histórico-político decorrente do desfecho da crise de 1981, parece ter perdido significado como referência da ação da Universidade, permanecendo apenas como critério de avaliação de projetos da carreira docente nas Unidades <sup>11</sup>. Com o esgotamento desse referencial, pergunta-se sobre a necessidade da retomada do seu significado, ou sobre o surgimento de uma nova fase da história da Universidade. Segundo a

perspectiva da interpretação aqui defendida, essa nova fase surgiria com uma nova crise institucional.

### 3. 4. *A crise de Dezembro de 1996*

Essa crise surgiu com o esgotamento do "Projeto Pedagógico". Além dos anteriores indicadores, apresenta-se como fato marcante a portaria do Grão-Chanceler, publicada por ocasião da eleição da nova reitoria (Dezembro 14 de 1996), que retira a autonomia da Universidade conquistada com o projeto Pedagógico (1981) e intervém na gestão financeira da Universidade. Um membro direto da Igreja católica assume a reitoria (desde a morte do Mons. Salim, em 1968, todos os demais reitores foram professores sem vínculo direto com a Igreja) e são impostas normas relacionadas com a recente doutrina para as universidades católicas emitida pelo Vaticano e a Mantenedora toma diretamente as decisões administrativas e mesmo acadêmicas da universidade. Parece que a Universidade retoma o controle originário a Igreja e unifica na figura do representante da mantenedora todos os controles administrativos e acadêmicos a semelhança da primeira gestão. Tais fatos podem ser entendidos como indicadores de uma nova crise e, conseqüentemente de ações e reações que poderão mudar a trajetória da Universidade. Esses eventos estão gerando uma nova fase da Universidade no momento em que, além das ações e reações internas, apresentam-se circunstâncias externas, vinculadas à situação sócio-econômica do País, às novas políticas sociais e educativas (exemplo a LDB, promulgada em 22 de Dezembro de 1996) que devem propiciar grandes debates sobre a identidade e os compromissos sociais da Universidade.

### 4. O protagonismo

O protagonismo aqui destacado refere-se à importância metodológica de entender o presente, fase mais desenvolvida, a partir da fase menos desenvolvida. Na primeira fase, a identidade da instituição se perfila e, nos momentos de crise, retoma-se como uma forma de recuperar a identidade. Tal protagonismo centralizou ações e gerou reações que manifestaram-se nas crises e na caracterização diferenciada de novas fases de desenvolvimento da instituição. Reações imediatas ou tardias, mas que mantém uma unidade a partir da gestação da mesma. A fase menos desenvolvida relaciona-se com as mais desenvolvidas e vice-versa. Uma é a chave das outras e estas explicam melhor a primeira. Na tentativa de observar essa unidade e de identificar as crises de identidade e as várias fases de desenvolvimento e a cadeia de ações e reações, explicitamos os períodos acima indicados e caracterizamos, a seguir, o protagonismo da primeira fase.

O protagonismo centraliza-se na figura de Mons. Emílio José Salim, fundador e primeiro reitor. Ele, por exemplo, assume o protagonismo de uma

formação profissional que reage contra uma sociedade que se organiza desconhecendo a doutrina social da Igreja, de um ensino superior que privilegia a perspectiva da ciência materialista longe da religião e uma universidade que ignora as doutrinas cristãs. Mons. Salim assume a missão da igreja na retomada da universidade que liderada no Brasil pelo Cardeal de Rio de Janeiro, Dom Barreto Leme cria as faculdades Católicas. Mons. Salim ajudou também a fundar várias faculdades dentre elas a de São Paulo e Campinas.

O modelo de escola católica proposto em Campinas caracteriza-se pela vida paroquial. Segundo os depoimento recolhidos, Mons. Salim morava no mesmo prédio e levava uma vida semelhante a um vigário na a sua paróquia.

"Nós tínhamos no Mons. Salim duas pessoas, o sacerdote e o reitor. Como sacerdote, Mons. Salim celebrava a missa diária com muita devoção...No jardim interno comemorava-se as festas de Páscoa, pois todo ano o Monsenhor promovia a Páscoa universitária. Todo o ano o Monsenhor promovia o retiro espiritual dos alunos (...) Os alunos tinham organizações como a JUC (Juventude Católica). A JUC foi um movimento muito importante na universidade sob a direção do padre Argumelo Rossi, ali houveram trabalhos muito interessantes, um movimento muito bom dentro da universidade, além disso, a JUC promovia festinhas, tocava-se violão, cantava-se. Era uma universidade de uma vida sadia (...) Era uma grande família com um grande pai tomando conta de todo o mundo. Monsenhor, ele também participava nessas festinhas. Festa de São João ele fazia questão de fazer, tinha quantão, tinha tudo que tem direito a festão de São João, tudo funcionava no prédio, era tudo ali, não tinha outro lugar" (depoimento de ex-funcionário).

Como reitor o estilo administrativo era centralizado na sua figura paterna.

"Ele era onipresente como reitor, as portas da reitoria estavam sempre abertas, nunca teve um secretário particular (...) Outra característica interessante do Monsenhor que era onipresente, ele pouco permanecia na reitoria, ele gostava de andar pela casa, ia despachar nas secretarias. Ele que ia, o funcionário não vinha, ele que ia ... Ele conhecia todos alunos por nome e sabia de que cidade tinha vindo, sabia a vida de cada um, ele conhecia cada professor e cada aluno"(depoimento de ex-funcionária).

Em todas as reuniões que tinha na Faculdade o Monsenhor estava presente, ele estava presente em todas as conferências e formaturas.

"E também estava presente nas atividades pessoais e dos alunos, exemplo, o casamento de um aluno ou aniversário. Eles convidavam e ele ia (...) O Monsenhor era reitor participativo! Ele sabia de tudo que se ocorria dentro da universidade" (Depoimento de ex-professor).

Outra característica dessa primeira fase consistia no centralismo acadêmico e administrativo na pessoa do protagonista, gestor e representante da Mantenedora, a Diocese de Campinas.

"Ele estava a par de tudo, ele conhecia, sabia, determinava, ele tinha um livrinho preto em que anotava tudo. Se o Monsenhor perdia aquele livrinho preto a contabilidade da universidade estava perdida, porque ele anotava nele o que entrava e saía. Ele sabia tudo que se gastava na universidade e tudo que entrava na universidade. Os professores, por exemplo, tinham aumento uma vez por ano, em Março, então ele dizia: eu vou aumentar tanto por cento para os senhores, mas senhores não vão receber, os senhores vão receber no fim do ano quando a universidade vai receber a verba do governo, pois o governo só vai pagar no fim do ano. Então ele mandava anotar, tinha uma ficha, cada professor tinha um valor anotado, então ficava em crédito, como naquele tempo não existia 13", hoje todo mundo espera o 13", naquele tempo não tinha, então num certo sentido nós tínhamos um 13", porque chegava em Dezembro e ele pagava a diferença do ano inteiro de uma vez quando ele recebia a verba do governo" (depoimento de ex-funcionário).

O protagonismo e a direção das suas ações gerou também reações dentre as quais destacamos a seguintes:

a) Reações imediatas devido ao tratamento dado ao movimento estudantil. Segundo a opinião dos defensores do diálogo, Mons. Salim permitiu a participação democrática. Para os defensores de medidas duras em concordância com o momento que o país vivia Mons. Salim facilitou a politização dos estudantes e propiciou o avanço dentro da Universidade das ideologias revolucionárias da União Nacional de Estudantes (UNE).

A crise estudantil, a expulsão do aluno do Centro Acadêmico da Pedagogia, a ameaça de invasão militar para perseguir alunos comunistas, a transferência dos alunos de Filosofia para outras faculdades, as pressões dos movimentos da Teologia da Libertação e a politização da comunidade acadêmica, assim como as pressões da Reforma Universitária em andamento formaram um cenário novo que o protagonista dificilmente aceitava. Tal situação de crise teve como fato marcante a morte de Mons. Salim. De acordo com o depoimento de um auxiliar imediato: "(...) mas nenhum homem morreu numa hora tão certa como o Mons. Salim. Tinha que morrer naquela hora porque houve uma reviravolta no sistema educacional brasileiro, a reforma universitária que Monsenhor não iria a se adaptar" .

A reação imediata contra a maneira paternal de resolver os problemas, no contexto da conjuntura nacional de controle contra os movimentos sociais e estudantis, precisava uma mão forte que desse confiança aos militares, a semelhança da recém criada Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde o médico, Zeferino Vaz assegurava uma conduta institucional sem perigo para a infiltração comunista. Nesse sentido parece se justificar a gestão abertamente autoritária de um promotor de justiça como novo reitor.

b) Outro tipo de reações de longo tempo surgiram: estas se referem ao conflito no seio da mesma proposta católica para a universidade. Como vimos anteriormente o núcleo social fundante da PUCCAMP correspondia ao pensamento social católico de formação das elites dominantes, mas, a ruptura dos anos 60, que começa a admitir o assistencialismo, o dirigismo ideológico da Juventude Operária Católica (JOC) e da Juventude Estudantil Católica (JUC) ganha sua expressão máxima na Teologia da Libertação. Aparece assim contra o modelo centralizador do Padre-reitor uma reação interna que se expressa na pressão dos estudantes organizados exigindo maior participação política e a democratização da universidade. Mons. Salim morre no meio da crise. Segundo a avaliação de um ex-diretor de uma faculdade:

"Ele não ia aceitar as reformas, a mentalidade dos estudantes modernos, o lado liberal dos estudantes, de jeito nenhum. Então eu acho que ele morreu no apogeu de seu mandato, viveu a universidade, criou, semeou, plantou, viu a árvore crescer. Morreu na hora certa. Ele não ia resistir às pressões de estudantes, professores e do próprio governo (referindo-se as propostas da reforma universitária)".

A essa reação contra uma forma centralizada na figura do Padre-reitor, soma-se o movimento nacional contra a ditadura militar e a resistência contra a reforma conservadora da universidade que o governo militar estava ensaiando em algumas universidades federais. Surge a crise, mas o movimento pela democratização não consegue essa abertura, pelo contrário, sofre, depois da morte de Mons. Salim, a reação autoritária, imposta pela nova reitoria (1986-1980). A reação continua contra a nova gestão e somente consegue o espaço esperado, depois de uma nova crise que possibilita a nova fase do "Projeto Pedagógico" (1981-1996). O Projeto Pedagógico está fundamentado nos compromissos da igreja e da universidade católica com os pobres e oprimidos, segundo o diretrizes da "Teologia da Libertação" e dos documentos dos bispos latino-americanos expressas nos documentos de Medellín e Puebla. O Projeto Pedagógico surge no contexto da conjuntura da abertura política no final dos governos militares, período de uma maior participação democrática na universidade. Mas, essa abertura democrática sofre as reações de uma retomada da filosofia católica contrária a Teologia da Libertação que gera uma nova crise a partir da intervenção da mantenedora em Dezembro de 1996.

c) Também aparecem reações a longo prazo na tentativa da recuperação da origem católica e da identidade confessional da Universidade. Desde a morte de Mons. Salim a universidade passou a ser mais laica, seus reitores foram professores sem nenhum vínculo direto com a Igreja e propiciaram uma maior autonomia com relação a mantenedora (particularmente depois do Projeto Pedagógico). O movimento dos professores, alunos e funcionários através das suas entidades permanentemente pressionavam as reitorias por melhores condições de trabalho

e de estudo. A relativa autonomia dos reitores gerou algumas crises financeiras, ou permitiu concessões que a mantenedora não podia controlar. Soma-se a isso a falta de crescimento da matrícula, motivada pelo surgimento na região de novas faculdades e universidades<sup>12</sup>. Tal quadro parece ter gerado uma reação por parte da mantenedora que se manifestou na intervenção de Dezembro de 1996 e sinaliza uma tentativa de recuperar o controle existente na época de Mons. Salim, quando ainda não aparecia a cadeia de crises que afetou as transformações da Universidade.

Hoje, a fase mais desenvolvida da crise de identidade parece buscar razões da sua compreensão na sua origem católica e no maior controle da mantenedora sobre a universidade, presentes na fase inicial.

A manutenção de um protagonismo na escola é difícil, já que dadas as múltiplas inter-relações da instituição com a sociedade, esse protagonismo gera reações e conflitos. Dependendo da intensidade dos conflitos e da radicalidade das reações geram-se também rupturas e novas características ou fases de identidade (novos períodos). Entretanto essas crises e novas fases não poderão ser compreendidas sem a recuperação da fase menos desenvolvida que se torna a chave da compreensão. Assim como a compreensão das novas fases também são necessárias para compreender a perspectivas geradas na fase menos desenvolvida. Essa unidade de crises, ações e reações encontra-se na historicidade do fenômeno estudado. Este não permanece igual, transforma-se, tem crises, conflitos, evolui. Entretanto, mantém uma unidade na sua historicidade.

Nesse sentido, os estudos historiográficos e as interpretações fundadas na pesquisa científica são particularmente importantes para compreender as crises, as ações e reações e a unidade entre elas. No contexto da instituição em foco, os estudos sobre seu protagonismo permitem compreender as ações recentes e avaliar as conquistas geradas ao longo da sua história, dessa forma também é possível constatar as formas e estratégias de superação dos traços de paternalismo, assistencialismo e autoritarismo que desfiguram o projeto de construção de uma universidade identificada como comunitária e participativa e ajuda a repensar novas formas democráticas para a universidade e a sociedade em que se insere.

## Notas

- 1 A UNICAMP não sofreu intervenções na época em que todas as universidades foram alvo do governo militar. Isto deveu-se a vários fatores, dentre os quais cita-se a participação de Zeferino Vaz, que impôs uma política de trabalho e produtividade não permitindo que uma ação dos partidos políticos dentro da universidade pudesse chamar a atenção dos militares; por outro lado, o fato desta universidade ter sido implantada em sua totalidade no final da década de 60 colaborou para que os estudantes e professores não tivessem tempo de se organizar numa época em que a maioria das universidades

- foram expurgadas; igualmente, a escolha para seu funcionamento numa cidade do interior que não representava nenhum perigo para a segurança nacional. Essas condições ajudaram ao crescimento da universidade, que pôde trabalhar de forma tranqüila sem o temor da repressão. Aqui vieram intelectuais de alto nível, (dentre os quais, alguns professores que se encontravam no exílio), atraídos pelo ambiente favorável de trabalho e pelo incentivo à pesquisa conforme a proposta dos Estatutos da Universidade (cf. Toro, 1996).
- 2 Tal possibilidade está dada uma vez que já existe um estudo aprofundado sobre Zeferino Vaz (Meneghel, 1996), informações coletadas sobre o cenário comum do surgimento das duas universidades e sobre a história da UNICAMP (Toro, 1996) e os levantamentos sobre a história da PUCCAMP realizados por Gamboa e Nunes (1997).
  - 3 Os resultados aqui resumidos são parte de uma pesquisa mais ampla apresentada na forma de relatório anual (1996) na Carreira Docente da PUCCAMP elaborado juntamente com o professor Cesar Nunes, sob o título: PUCCAMP: EVOLUÇÃO INSTITUCIONAL, PROJETO PEDAGÓGICO E IDENTIDADE SOCIAL (1942-1992), FAE, PUCCAMP, Janeiro de 1997, 250 páginas.
  - 4 A partir de 1951, outras grandes empresas instalaram-se no município: a Singer e a Duratex (1951), a Pirelli, a IBRAS/CBO e a Hiplax (1953) e a Bosch (1954). Entre 1950 e 1956, houve um crescimento significativo do pessoal empregado e do número de estabelecimentos industriais em Campinas.
  - 5 A Primeira Republica compreende o período que vai da proclamação da República, em 1889, até a Revolução de 1930; é também chamada de República Velha ou de República Oligárquica.
  - 6 Ao início do período Vargas, havia no Brasil três universidades: a do Rio de Janeiro, criada em 1920; a de Minas Gerais, criada em 1927; e a Escola de Engenharia de Porto Alegre, criada em 1896, esta sem o nome de universidade, mas considerada como tal.
  - 7 A Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, iniciou com 08 cursos: Filosofia, Ciências Sociais, Geografia e História, Pedagogia, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglo-Germânicas e Matemática (Decreto 8.232 de 18/11/41
  - 8 A Universidade foi reconhecida oficialmente pelo Decreto Presidencial nº 38.327 de 19 de Dezembro de 1955. (Diário do Congresso Nacional, n. 75/55).
  - 9 Nessa oportunidade a Vice-reitoria Acadêmica era dirigida pelo Prof. Eduardo José Coelho, que posteriormente assumiu também a Reitoria nas duas seguintes gestões (1985-92).
  - 10 Os novos estatutos e um novo Regimento Geral foram aprovados pelo Conselho Federal através do Parecer No 55/88 do 28/01/88, que se encontram atualmente vigentes.
  - 11 Consideramos que o período de 1993-96 da gestão do Prof. Gilberto Luiz Moraes Selber é uma continuação das gestões anteriores. Ele foi Vice-reitor para Assuntos Administrativos da segunda gestão do Professor Coelho. O Professor Selber foi um dos

defensores da retomada do Projeto Pedagógico como referência da Identidade da Universidade.

12 Nos últimos 5 anos outras universidades vêm atuando na região. A Universidade de São Francisco está construindo seu campus de Campinas e já funciona com cursos de pós-graduação. A Universidade Paulista UNIP consegue duplicar sua matrícula ano atrás ano. A Universidade Salesiana, tem *campi* em Americana e Campinas, além da existências de outras faculdades e centros universitários nos municípios da região.

### Bibliografia

- CHARTIER, Roger (1988). *A história Cultural, entre práticas e representações*, Lisboa-Rio de Janeiro: DIFEL-Editora Bertrand Brasil.
- FÁVERO DE A. Maria de L. (1977). *A Universidade Brasileira em busca de sua Identidade*, Petrópolis: Vozes.
- MENEGHEL, Stela.M. (1996). *Zeferino Vaz e a UNICAMP: Uma trajetória e um modelo de universidade*, Dissertação de Mestrado, Campinas, FE/ UNICAMP.
- NUNES Cesar.; SANCHEZ GAMBOA. Silvio (1997). PUCAMP: EVOLUÇÃO INSTITUCIONAL, *PROJETO PEDAGÓGICO E IDENTIDADE SOCIAL (1942-1992)*, FAE, PUCAMP, Janeiro de 1997, 250 páginas.
- ORLANDI, Eni P. (1987). *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do Discurso*, Campinas: Pontes.
- PUCAMP (1988). *Estatuto e Regimento Geral*.
- PUCAMP (1982). *Pesquisa: Caracterização do Aluno da PUCAMP*, Campinas.
- PUCAMP (1988). *Estatuto e Regimento Geral da PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS*, Campinas.
- PUCAMP (1983). *Projeto: A participação do Aluno como Base para Reestruturação da Universidade*, Campinas.
- PUCAMP (1992). *A Revisão Ampla e o Projeto PUCAMP*, Campinas.
- PUCAMP (1992). *Carreira Docente na PUCAMP, Implantação Definitiva*, Campinas.
- PUCAMP (1992). *A PUCAMP e a Construção de seu Projeto Institucional de Avaliação*, Campinas.
- PUCAMP (1959). *Revista da universidade Católica de Campinas*, Numeros 17-35, Campinas, 1959 a 1972.
- PUCAMP (1956). *Atas do CONSUN (1956-1992)*
- PUCAMP (1970). *Atas do CONCEP (1970-1992)*

- SEMEGHINI, Ulysses (1988). *Cidade, Campinas (1860-1980): Agricultura, industrialização e urbanização*, Campinas, Instituto de Economia da UNICAMP, Dissertação de Mestrado.
- STEGER, Albert (1970). *As universidades no desenvolvimento social da América Latina*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- TORO, Luz Helena (1996). *A Extensão Universitária: histórico da UNICAMP*, Dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP.

